



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Dobra. Poesia Reunida (1983-2007)', de Adília Lopes]

Diana Pimentel

Para citar este documento / To cite this document:

Diana Pimentel, "[Recensão crítica a 'Dobra. Poesia Reunida (1983-2007)', de Adília Lopes]",
Colóquio/Letras, n.º 178, Set. 2011, p. 206-207.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Adília Lopes

DOBRA

POESIA REUNIDA (1983-2007)

Lisboa, Assírio & Alvim / 2009

Do lado esquerdo da página de rosto deste volume da «poesia reunida» de Adília Lopes encontra-se a reprodução de uma fotografia. Na legenda, inscreve-se um título — «Chá de bonecas no extinto Convento de Chelas (c. 1910)» — e identifica-se a filiação de Adília. Entre meninas, bonecas, laços e miniaturas (de mesas e de cadeiras, ou pires e chávenas, por exemplo) está a «avó materna da autora, em primeiro plano» (p. 4). De uma certa forma, esta imagem parece ecoar o poema «Reconciliada com as Memórias» (do livro *O Peixe na Água*, de 1993, p. 197):

Eu no espelho
colada com cola
mais bela
do que dantes
como o prato Zen
que tem as fracturas
sublinhadas
com ouro
obra da fortuna
má e boa
obra de falta de afecto
e do afecto
Narciso e anti-Narciso
viver para crer

Sublinhem-se destes versos as palavras «espelho», «dantes», «fracturas», «obra da fortuna» e «viver para crer».

Se, a abrir *Dobra*, a fotografia de família (ancestral) parece cumprir o efeito especular de revelação da genealogia da «autora», entre a imagem e os versos ecoam uma evocação apostólica e o mito narcísico. No primeiro caso, note-se que aqui se reescreve o que a Tomás se atribui

do *Novo Testamento*, no evangelho de São João, no episódio bíblico em que a dúvida cede perante a crença, ante a visão, *vivida*. Trata-se, sobretudo, por via deste gesto de reelaboração textual, do acto de *ver para crer* ser transformado na proposta de «viver para crer».

No segundo eco — o mitológico — presente-se, por um lado, na figuração anteposta à *página de rosto*, o «espelho» de «dantes», a rememoração do passado e a visão presente, mostradas a um só tempo. Por outro, na *memória descritiva* (em imagens e palavras) convivem o registo da origem feito «fracturas» no «espelho», no rigoroso e literal sentido em que se trata de «Narciso e anti-Narciso». «Colada com cola / mais bela / do que dantes», *Dobra* é «obra da fortuna».

Se a ideia de *família* pode ser traduzida pela palavra *dobra*, neste conjunto de «Poesia Reunida» inclui-se o resultado de vinte e quatro anos de produção literária de Adília Lopes (entre 1983 e 2007). Numa simetria que intuo não ser casual, reparo no efeito duplicado que os números 2 e 4 aqui engendram. Uma *Dobra*, portanto.

Antes de se iniciar esta *Dobra*, uma «Nota da autora» aclara: «Reúno aqui todos os meus livros de poesia até à data. Os títulos *Obra* [de 2000] e *Poemas Novos* [de 2004] eram demasiado ambiciosos. Mudei-os para *Dobra* e *Ovos*, respectivamente» (p. 7). Mais do que gesto autoral de emenda titular, são nítidos, nestes termos e enunciados, respectivamente, a adição de *D* a *Obra* (num percurso editorial compreendido entre o livro publicado em 2000 e este, de 2009) e a subtracção de *Poemas Novos* (de 2004) no título do livro, *mudado* para constar neste volume como *OVOS* (p. 527 a 564).

Dobra. Poesia Reunida (1983-2007) inclui, também (entre as suas páginas 615 a 650), «Os Namorados Pobres», uma

série de poemas inéditos que, segundo a autora, «ao longo dos anos, foram ficando, por acaso, fora dos livros que publiquei e de que ainda gosto» (p. 657). Esta informação consta de um vasto conjunto de «Notas da Autora» (p. 651 a 657) que, mais do que esclarecer e fixar a origem dos poemas coligidos neste volume, me parece constituir aquilo a que Eduardo Pitta (sobre *Obra*, de 2000) chamou «um texto teórico com elevado grau de acidez»¹. Neste caso, não se trata de *um texto* apenas, mas de variadas «notas» que desenham a arquitetura da *obra* e da *Dobra*.

Sobre *César a César* (p. 485-524), Adília Lopes declara a génese do título, através da evocação de «palavras de Jesus», «uma homenagem a João César Monteiro» e uma referência à peça *Rendre à César*, de Marguerite Yourcenar, sobre a qual afirma: «Ainda não li esse texto e ainda não vi nenhuma representação dessa peça» (p. 652). Depois de recontar o «episódio bíblico», a autora lamenta «que exista o dinheiro. [...] Para lá da aparência, do embrulho, da efígie e da inscrição cunhadas pela doxa, das moedas que são e não deviam ser. Ver os outros assim é bem mais complicado, complexo, difícil e intelectualmente estimulante do que ver ao microscópio ou ao telescópio já de si absolutamente estimulantes» (*ibid.*).

No limiar aqui quase transparente entre vida e *obra*, ou na «dobra» nada vincada entre «Eu no espelho» a «viver para crer» (p. 197) e a fotografia de família em que está retratada a «avó materna da autora, em primeiro plano» (p. 4), ao «elevado grau de acidez»², sucedem-se estas palavras: «Subestimar e sobrestimar é péssimo. Há que estimar, há que ser de igual para igual. Isto, bem mais do que escrever uma bela quadra ou um belo sermão, é que custa, mas é o que vale a pena» (p. 653).

Tocada pelo sopro de versos de José Tolentino Mendonça («de igual para igual») e de José Agostinho Baptista, em «Agora e na Hora» (p. 349 a 371), por exemplo e entre tantos outros, poetas ou apóstolos (e não só), tratando-se de «viver para crer» (p. 197), Adília Lopes, no que à matéria da poesia respeita, situa-se deste modo: «Escrevo e publico poemas por uma questão de generosidade. Instalo-me nessa pose como o faquir na cama de pregos. E não é uma pose, nem o mundo é um palco, nem o mundo é um circo. [...] Escrever teve para mim um papel instrumental: serviu-me para encontrar pessoas. Houve encontros e encontrões» (p. 653).

Entre o amor e a morte, ou a vida e a obra, declara: «A minha falta de pudor em relação à morte é o meu amor pela vida. O meu amor pelos animais não é piegas. Eu sou sensível mas não sou piegas» (p. 656). Se os «tempos são crus», «a lembrança e o desejo e a esperança de que assim não seja anima-me. Um dia não muito longe não muito perto seremos felizes e vivos para sempre porque verdadeiramente carinhosos, isto é, caridosos» (p. 657).

No encontro com Ruy Belo, que aqui é claro, limpo, transparente (e incluindo o «encontrão» da dissemelhança entre a letra minúscula de ruy belo ao escrever a palavra «deus»), *Dobra* opera um acontecimento, com o qual se toca a última página destes poemas: «Na minha vida, até agora, aconteceram-me mais de mil milagres. Dou graças a Deus por isso» (p. 650).

Diana Pimentel

NOTAS

¹ Eduardo Pitta, *Aula de Poesia*, Lisboa, Quetzal Editores, 2010, p. 149.

² Idem, *ibid.*